TEXTO PARA DISCUSSÃO

2717

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: CONCILIAÇÃO DE VIDA FAMILIAR, ESTUDO E TRABALHO DOS JOVENS EM RECIFE

JOANA COSTA
KATCHA POLOPONSKY
ENID ROCHA
FELIPE RUSSO
CLAUDIA SILVA

ipea

TEXTO PARA DISCUSSÃO

2717

Rio de Janeiro, dezembro de 2021

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: CONCILIAÇÃO DE VIDA FAMILIAR, ESTUDO E TRABALHO DOS JOVENS EM RECIFE

JOANA COSTA[1]
KATCHA POLOPONSKY[2]
ENID ROCHA[3]
FELIPE RUSSO[4]
CLAUDIA SILVA[5]

1. Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. *E-mail*: <joana.costa@ipea.gov.br>.

2. Especialista da assessoria de pesquisa e avaliação da Fundação Roberto Marinho. *E-mail*: <katchap@gmail.com>.

3. Técnica de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea. *E-mail*: <enid.rocha@ipea.gov.br>.

4. Pesquisador do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Disoc/Ipea. *E-mail*: <felipe.russo@ipea.gov.br>.

5. Analista de dados na Analysis Modelagem e Mineração de Dados; e doutoranda em ciências computacionais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). *E-mail*: <claudia.jakelline@gmail.com>.

Governo Federal

Ministério da Economia
Ministro Paulo Guedes

ipea **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

Fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
CARLOS VON DOELLINGER

Diretor de Desenvolvimento Institucional
MANOEL RODRIGUES JUNIOR

Diretora de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia
FLÁVIA DE HOLANDA SCHMIDT

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas
JOSÉ RONALDO DE CASTRO SOUZA JÚNIOR

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais
NILO LUIZ SACCARO JÚNIOR

Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura
ANDRÉ TORTATO RAUEN

Diretora de Estudos e Políticas Sociais
LENITA MARIA TURCHI

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais
IVAN TIAGO MACHADO OLIVEIRA

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação
ANDRÉ REIS DINIZ

OUVIDORIA: http://www.ipea.gov.br/ouvidoria
URL: http://www.ipea.gov.br

Texto para Discussão

Publicação seriada que divulga resultados de estudos e pesquisas em desenvolvimento pelo Ipea com o objetivo de fomentar o debate e oferecer subsídios à formulação e avaliação de políticas públicas.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 2021

Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990-

ISSN 1415-4765

1.Brasil. 2.Aspectos Econômicos. 3.Aspectos Sociais. I. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

CDD 330.908

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

JEL: J13; J22.
DOI: http://dx.doi.org/10.38116/td2717

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO.....6

2 DADOS E METODOLOGIA 10

3 TRAJETÓRIAS DE ESTUDO OU TRABALHO 13

4 ASPIRAÇÕES, EXPECTATIVAS E PERCEPÇÕES 17

5 CONTRIBUIÇÕES QUALITATIVAS 23

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 29

REFERÊNCIAS.....33

SINOPSE

A partir de pesquisas quantitativa e qualitativa conduzidas em Recife em 2018 entre jovens de 15 a 24 anos, este Texto para Discussão analisa e compara trajetórias nas transições do estudo ao trabalho, ponderando aspirações e expectativas quanto ao estudo e vida profissional, tendo em vista evidenciar possíveis diferenças para jovens que vivenciaram gravidez na adolescência. Segundo os resultados da pesquisa, jovens que tiveram filhos entre 15 e 19 anos de idade apresentaram maiores interrupções na vida escolar, têm maior chance de não estarem trabalhando nem estudando, e são mais pessimistas em sua expectativa de concluir tanto a etapa de ensino frequentada ou o ensino superior. A pesquisa qualitativa corrobora e aprofunda esses resultados, apontando que a baixa escolaridade, a falta de experiência profissional e a necessidade de cuidar de seus filhos formam barreiras na procura do emprego. Essas jovens relatam também sentir o abandono de políticas públicas que pudessem ajudá-las em seus objetivos. Nesse sentido, o texto finaliza discutindo políticas públicas, tais como programas de transferência de renda, ações de garantia de acesso a creches públicas, como as salas de acolhimento do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem), e campanhas de educação sexual e planejamento familiar.

Palavras-chave: gravidez na adolescência; trajetórias educacionais; mercado de trabalho; expectativas; política públicas.

ABSTRACT

Based on quantitative and qualitative research conducted in Recife in 2018 among young people aged 15 to 24 years, this study analyzes and compares labor and schooling trajectories as well as expectations regarding qualification and professional life in order to highlight possible differences for young people who experienced teenage pregnancy. Young people who have children between 15 and 19 years of age have more interruptions in school life, are more likely not to be working or studying, and are more pessimistic in their expectation of completing their desired schooling level. Qualitative research corroborates and deepens these results. Low schooling level, lack of professional experience, and the need to take care of their children were identified as barriers in finding a job. These young people also report feeling the abandonment of public policies that could help them to achieve their goals. The text ends by discussing public policies such as income transfer programs, actions to guarantee access to public day care centers, such as the reception rooms of the Projovem program, and sexual education and family planning campaigns.

Keywords: teenage pregnancy; schooling trajectories; labor market; expectations; public policy.

1 INTRODUÇÃO

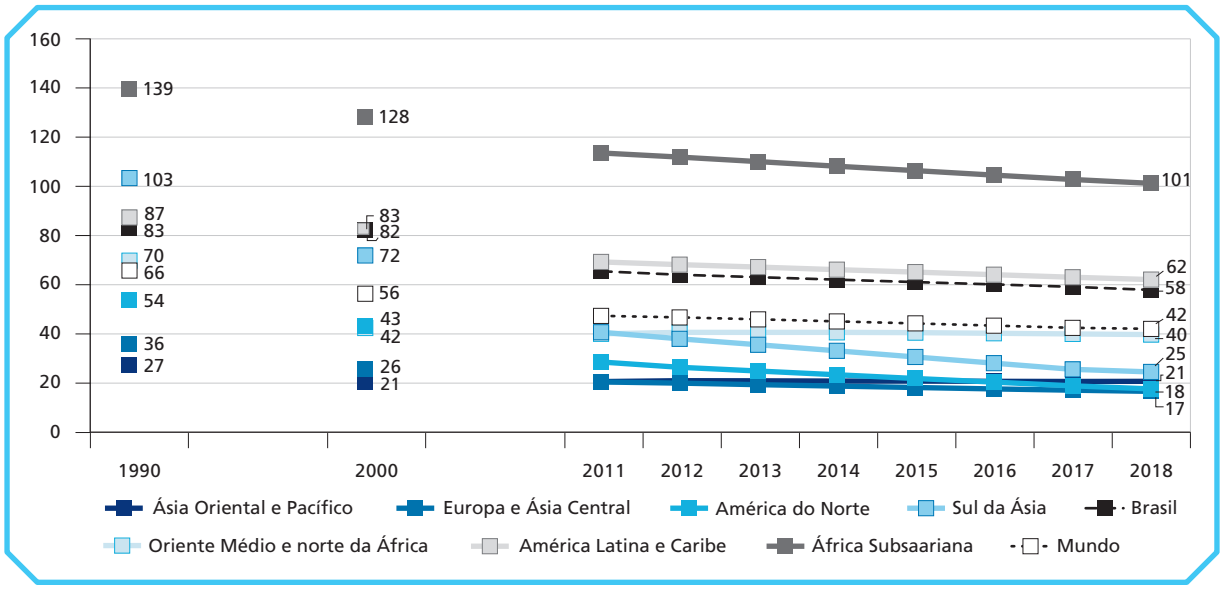
No mundo, entre 1990 e 2018, a taxa de fecundidade na adolescência (15-19 anos de idade) reduziu de 66 para 42 nascimentos por mil meninas. No Brasil, o mesmo indicador sofreu uma queda nesse período, de 83 para 58. Apesar da tendência de redução, o gráfico 1A revela como a média brasileira é bastante alta ao ser comparada com o restante do mundo. Na verdade, América Latina e Caribe correspondem à segunda região com taxas mais elevadas, permanecendo abaixo somente da África Subsaariana. A média mundial e a europeia correspondem a aproximadamente dois terços e um terço, respectivamente, da latino-americana. Dentro de América Latina e Caribe (gráfico1B), o Brasil encontra-se posicionado um pouco abaixo da média e também abaixo de países como Argentina, México e Chile.

Assim, os dados do gráfico 1 indicam que a gravidez na adolescência ainda constitui um desafio no Brasil e que há espaço para acelerar a trajetória de redução nos indicadores. Este é um tema relevante, dado que a maternidade pode se revelar um obstáculo para o desenvolvimento de todo o potencial das mães adolescentes, tanto em termos de escolaridade como de trajetórias no mercado de trabalho (Azevedo *et al*., 2012). De fato, Azevedo *et al*. (2012) mostraram que a fecundidade na adolescência se correlaciona positivamente com a pobreza, a desigualdade, os gastos com saúde pública, o índice de participação das mulheres no mercado de trabalho e a proporção de mulheres com empregos remunerados.

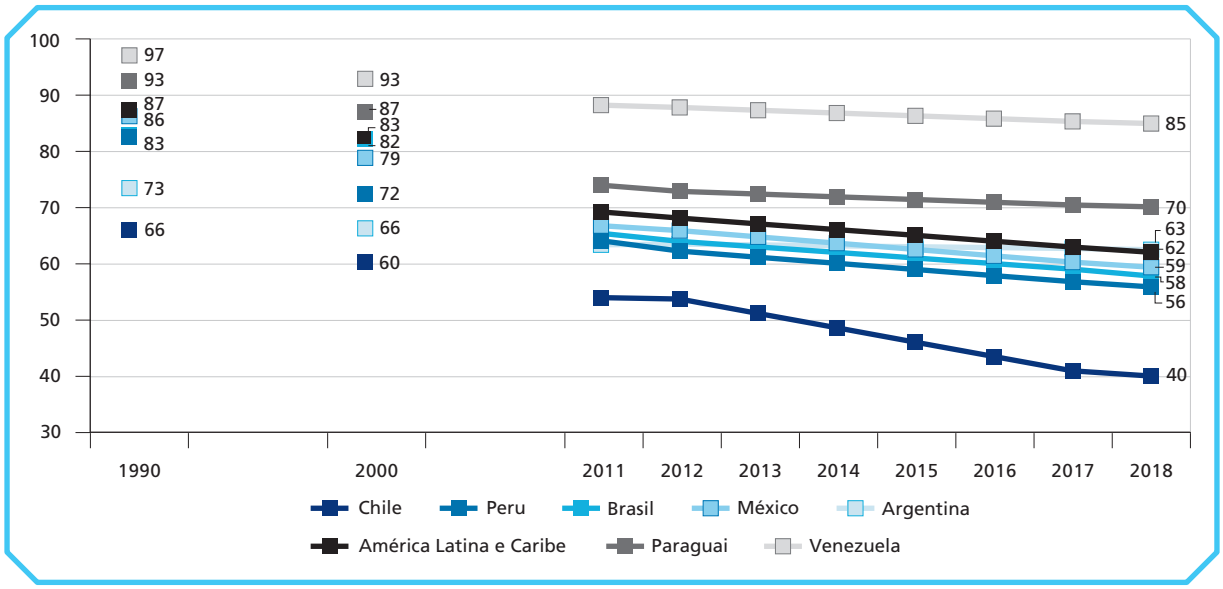
GRÁFICO 1

Taxa de fecundidade na adolescência

1A – Brasil e o mundo



1B – Brasil e América Latina



Fonte: Banco Mundial. Disponível em: <https://databank.worldbank.org/reports.aspx?source=2&series=SP.ADO.TFRT&country=>. Acesso em: 21 dez. 2020.
Obs.: Número de nascimentos por mil mulheres com idades entre 15 e 19 anos.

O processo que leva à ocorrência da gestação na adolescência está associado a um conjunto de características que define o ambiente familiar e social e também o contexto mais macro onde vive a adolescente (Azevedo *et al*., 2012). Dessa forma, são relevantes as normas sociais, a estrutura familiar, as relações sociais e o ambiente escolar, assim como os obstáculos enfrentados na formação de habilidades e no mercado de trabalho (desemprego, informalidade, desigualdade, instituições, existência de programas para jovens, qualidade da educação etc.). As adolescentes com maior nível de escolaridade, que vivem nas zonas urbanas e em famílias de rendas mais altas, têm menor probabilidade de contraírem gravidez na adolescência.

Além de ser determinante nas chances de gestação na adolescência, o contexto socioeconômico também definirá a forma como essa gravidez será vivenciada e quais serão os efeitos sobre a vida escolar e laboral das jovens. Assim, as que pertencem às camadas sociais mais pobres não apenas possuem mais chances de ter filhos entre 15 e 19 anos de idade, como também experimentam uma maior probabilidade de que essa gravidez as leve a abandonar a escola e a entrar precocemente no mercado de trabalho. As chances de prejuízos nas trajetórias educacionais e de trabalho dos jovens de classes sociais mais abastadas são bem menores, quando comparadas com as dos jovens pertencentes a famílias pobres, pois esses últimos apresentam maiores riscos de entrarem em um ciclo vicioso de exclusão social.

No entanto, a literatura adverte que a gravidez é um fenômeno complexo e que, apesar de inúmeros estudos mostrarem a existência de correlações entre gravidez na adolescência,

abandono escolar, baixa escolaridade e maiores dificuldades no mundo do trabalho, ainda não é possível afirmar a relação de causalidade, uma vez que as consequências negativas podem representar a continuidade da trajetória de exclusão social que já vinha sendo percorrida por esses jovens.

> The evidence of the effect of teenage motherhood can be capturing correlations instead of casual relations. This is the reason why studies on the consequences of teenage mother hood are often unable to ascertain causality. Indeed, part of the negative outcomes attributed to teenage pregnancy might be due to the absence of opportunities and the poor educational and economic opportunities that teen mother is facing (Azevedo *et al*., 2012, p. 14).

Sobre esse assunto, tem-se ainda que:

> há evidências de que jovens que evadem da escola possuem mais chances de tornarem-se gestantes adolescentes (Sabroza, Leal, Souza Jr. e Gama, 2004), sugerindo que a evasão precede a gestação. Por outro lado, outras pesquisas indicam que a gestação na adolescência seria uma das causasda evasão escolar (Estela e cols., 2003; Oliveira, 1998; Lima e cols., 2004; Loss e Sapiro, 2005). Almeida, Aquino e Barros (2006) indicam que ambos os fatores – tanto a evasão anterior à gestação (20,5%) quanto a evasão posterior (40%) – estão associadas ao fenômeno de gestação na adolescência. Oliveira (1998) refere que o abandono da escola pode ser fruto do constrangimento, da pressão de professores, de diretores e da própria família, que julgam essa situação como vexatória. Contudo, Castro e cols. (2004) apontam que as jovens abandonam os estudos porque se torna efetivamente mais difícil prosseguir nos mesmos, pois as adolescentes, além de cuidarem dos bebês, muitas vezes ingressam no mercado de trabalho (Dias e Teixeira, 2010).

Dados de diversos países apontam para uma forte associação entre indicadores de escolaridade e gravidez na adolescência (Wodon *et al*., 2018). Observa-se, por exemplo, que, ao longo do tempo, a queda nos indicadores de fecundidade na adolescência encontra-se associada ao aumento de matrículas no ensino secundário. Essa relação resulta tanto do fato de que a permanência na escola pode adiar a ocorrência da gestação como do fato de que o adiamento da gravidez leva a uma redução de abandono escolar (Stoner *et al*., 2019). Apesar de ser difícil estimar causalidade nessa literatura, Masuda e Yamauchi (2020) exploram a expansão do ensino primário em Uganda para avaliar como o aumento de escolaridade contribui para reduzir a gravidez na adolescência. Além disso, eles encontram evidências de que mães com maior escolaridade utilizam mais os sistemas de vacinação e saúde, e seus filhos têm menor probabilidade de falecer antes dos 18 meses.

Em relação às evidências empíricas para o Brasil, é encontrada uma relação negativa entre a gravidez na adolescência e indicadores de escolaridade e mercado de trabalho das mulheres por Kassouf *et al*. (2020) e Narita e Diaz (2016). Para jovens que não tiveram filhos antes da vida adulta, o primeiro estudo encontra um aumento na quantidade de anos de estudo e no salário, enquanto o segundo destaca um aumento nas chances de conclusão do ensino médio e da participação feminina no mercado de trabalho. Há ainda estudos empíricos com o objetivo de mensurar os fatores que afetam as chances de gravidez na adolescência. Koppensteiner e Matheson (2020) mostram que a expansão do ensino médio está associada à redução da gestação antes da fase adulta. Já Cruz, Carvalho e Irffi (2016) apresentam que escolaridade e uso de contraceptivo afetam negativamente as chances de engravidar na adolescência.

A condição de vulnerabilidade das gestantes adolescentes também é verificada por Béria *et al*. (2020). Nesse estudo, observa-se que essas meninas têm mais chances de terem mãe que tiveram gestação na adolescência e de pertencerem a estratos socioeconômicos mais baixos, além de apresentarem maiores chances de ter defasagem escolar, usar tabaco e ter tido embriaguez alcoólica. Similarmente, Vaz, Monteiro e Rodrigues (2016) e Martinez e Roza (2020) encontram uma associação negativa entre gestação na adolescência e o índice de desenvolvimento humano local, o que parece ser mais uma indicação de que pobreza e falta de oportunidades são fatores de risco da ocorrência de gravidez na adolescência.

Por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) foi possível caracterizar a população de adolescentes entre 15 e 19 anos que tinham ao menos um filho nascido vivo. Através desses dados, observou-se uma maior concentração de adolescentes grávidas no final da adolescência e início da juventude, com 65,9% de meninas entre 18 ou 19 anos de idade, e 69% das meninas eram negras (pretas ou pardas). Em relação ao mercado de trabalho, 59,7% das meninas não trabalhavam nem estudavam e 92,5% cuidavam dos afazeres domésticos. Com relação ao estado civil, enquanto 37,1% estavam na condição de filha na unidade domiciliar, outras 34,2% estavam na condição de cônjuge.

Com o objetivo de contribuir para estudos sobre a gravidez na adolescência, não só caracterizando os jovens, mas também tentando entender fatores relacionados e perspectivas de futuro dessa população, faremos uma análise dos adolescentes e jovens que tiveram filhos na adolescência (jovens de 14 a 19 anos) a partir dos dados de Novella *et al*. (2018). Além de categorizar a situação de estudo e trabalho desses jovens, o objetivo é investigar suas aspirações e expectativas em relação ao futuro, e também sua visão sobre o papel da mulher no mundo do estudo e trabalho. Os planos de vida e as percepções sobre papéis de gênero podem ter sido afetadas pela experiência da maternidade, de modo que o objetivo neste estudo não é identificar relações causais – no entanto, identificar essas diferenças é relevante para entender melhor o

contexto dessas mulheres e formular políticas públicas. Com esse objetivo, também é apresentada a variável que descreve se os jovens tiveram educação sexual na escola.

Além desta introdução, este texto está dividido em outras cinco seções. A seção 2 descreve os dados utilizados neste estudo. A seção 3 apresenta as trajetórias de estudo e trabalho, enquanto a seção 4 mostra as características relacionadas a aspirações, expectativas, percepções e educação sexual. A seção 5 enriquece este estudo apresentando as contribuições da etapa qualitativa de Novella *et al*. (2018), e, por fim, a seção 6 apresenta as considerações finais.

2 DADOS E METODOLOGIA

Para esta análise foram utilizados os dados do projeto regional Mejorando las Oportunidades para Jóvenes Vulnerables: Escuchando sus Voces para Informar Políticas,[1] realizado em 2018, para entender melhor o contexto dos jovens de 15 a 24 anos em diferentes dimensões, a fim de suprir uma lacuna de informações e conhecimentos suficientes para subsidiar a elaboração de políticas adequadas aos jovens de vários países da América Latina. Com isso, nota-se que um dos eventos que pode trazer consequências emocionais, sociais e econômicas para os jovens e ajuda a entender melhor a trajetória dessa população é a gravidez na adolescência.

Com tal propósito, esse projeto foi dividido em duas etapas, uma qualitativa e outra quantitativa, e no Brasil, ambas foram realizadas em Recife. A prerrogativa era que os respondentes da etapa quantitativa fossem selecionados de forma aleatória, seguindo diretrizes mínimas de aleatoriedade e estratificação, para garantir representatividade. A pesquisa adotou uma amostragem probabilística, estratificada e conglomerada em três estágios. No primeiro estágio, foram sorteados setores censitários; no segundo, os domicílios particulares em área urbana do município do Recife; e no terceiro, os jovens residentes no domicílio.

A coleta de dados envolveu entrevistas estruturadas na etapa quantitativa e semiestruturadas na qualitativa. Na primeira, foram utilizados dois questionários (um aplicado por entrevistador – CAC – e outro auto aplicado – AA). Para a coleta dos dados foi utilizado um *software* (Computer Assisted Personal Interview – CAPI), via *tablet*. Entretanto, se o entrevistado não tivesse habilidade com o manuseio do *tablet*, o questionário AA poderia ser aplicado em papel (Paper and Pencil

1. Esse estudo foi fruto da pesquisa realizada no âmbito de um projeto regional que envolveu a participação, em 2018, de mais de 15 mil jovens entre 15 e 24 anos em nove países (Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Haiti, México, Paraguai, Peru e Uruguai). No Brasil, o estudo foi conduzido pelo Ipea.

Interview – PAPI). Foi garantida a confidencialidade das informações coletadas e não houve figura inibitória no momento em que o(a) jovem respondeu os questionários.

A técnica escolhida para a abordagem qualitativa foi a discussão em grupos focais, pelo fato de este método permitir contemplar diferentes perspectivas de uma mesma questão e compreender práticas cotidianas, atitudes e comportamentos compartilhados por pessoas que apresentam traços e características comuns. Para orientar o desenvolvimento das discussões em grupo foi elaborado um roteiro semiestruturado que abordava os seguintes temas: i) vida atual (rotinas e sentimento de ser jovem hoje no Brasil); ii) trajetória de vida (momentos marcantes e percurso de estudo e trabalho); iii) aspirações e expectativas; e iv) dificuldades e apoios.

Os jovens participantes da pesquisa foram distribuídos em grupos de discussão de acordo com a faixa etária e suas inserções em trajetórias educacionais típicas ou atípicas. Nas trajetórias típicas se encontravam os jovens que não tiveram intercorrências de abandono e repetição de séries educacionais – portanto, não apresentavam distorção idade-série. Nas trajetórias atípicas, por sua vez, estavam os jovens com defasagem idade-série, que vivenciaram abandono ou evasão escolar e que estavam sem trabalhar e/ou sem estudar. Essa segmentação teve como objetivo comparar as duas trajetórias e identificar possíveis fatores facilitadores e dificultadores que poderiam estar contribuindo para que as atividades de estudar e de trabalhar tenham adquirido significados distintos para jovens da mesma classe social.

A etapa qualitativa foi constituída por seis discussões em grupo com 49 jovens dos sexos masculino e feminino, entre 15 e 24 anos, com renda domiciliar *per capita* entre um quarto e meio salário mínimo nacional, correspondente ao segundo quintil de renda da cidade de Recife. Desses, 24 estavam alinhados aos parâmetros de trajetórias típicas e 25 estavam de acordo com as características de trajetórias atípicas. Cada um dos três grupos realizados com jovens de trajetória típica foi composto por oito participantes, igualmente distribuídos entre homens e mulheres. Os três grupos com jovens de trajetória atípica, por sua vez, incluíram apenas a participação de mulheres, sendo nove jovens entre 15 e 18 anos; sete jovens entre 19 e 21 anos; e nove jovens entre 22 e 24 anos. A composição dos grupos de trajetória atípica apenas com mulheres foi intencional e visou aprofundar a compreensão do fenômeno do abandono escolar e das maiores dificuldades de inserção laboral de jovens mulheres devido às responsabilidades familiares e à dedicação de cuidados com crianças e outras pessoas no domicílio. No Brasil, especificamente na região Nordeste, os jovens sem estudo e sem trabalho são majoritariamente mulheres, e o principal motivo para se encontrarem nessa situação é a responsabilidade pelos afazeres domésticos. Por essa razão, o método priorizou a escuta de um número maior de jovens mulheres em diferentes faixas etárias.

Nesse sentido, refletindo o público-alvo da pesquisa e o objetivo deste trabalho, para efeito da análise quantitativa, consideramos compondo o evento gravidez na adolescência o jovem que declarou

ter tido o primeiro filho nascido vivo, ou sua companheira ter tido filho nascido vivo, durante sua adolescência (até os 19 anos), independentemente da idade que o respondente tinha no momento da entrevista. Para facilitar a notação durante o texto, iremos nos referir a esses jovens como jovens com filhos e aos outros como jovens sem filhos. Jovens que tiveram filhos, ou cujas companheiras tiveram filhos, após os 19 anos (do respondente) foram excluídos dessa análise.[2] A tabela 1 apresenta número de entrevistados, o total de jovens estimados após ponderação, bem como sua proporção estimada na população total de jovens de Recife de acordo com as características pessoais. Ao longo do texto e das tabelas, serão considerados jovens com filhos somente aqueles que vivenciaram a maternidade/paternidade até os 19 anos, enquanto o termo jovens sem filhos se refere àqueles que não tiveram filhos na adolescência, independentemente da idade na época da entrevista quantitativa.

Entre os jovens com filhos, 85,9% são mulheres. Entre aqueles que não possuem filhos, 58% são homens e 42%, mulheres. Importante ressaltar que, na base total, um pouco mais da metade é composta de homens (51,8%). Com relação à cor/raça, tanto entre os jovens com filhos e sem filhos predomina os pardos e pretos. Entre os jovens sem filhos, há uma proporção maior de jovens que se declararam brancos (22,9% contra 14,4% entre os jovens com filhos). Entre os jovens com filhos, há uma proporção maior de indivíduos de 18 a 22 anos (67,4%). Entre os jovens sem filhos, 46,5% tinham entre 18 e 22 anos e 37,3%, entre 15 e 17 anos. Em relação à renda *per capita* domiciliar, cerca de um quarto (25,5%) dos jovens sem filhos viviam em domicílios com renda total menor que um salário mínimo, enquanto que cerca da metade (46,3%) dos jovens com filhos residia em domicílios com renda total menor que um salário mínimo.[3]

TABELA 1

Características gerais dos jovens com e sem filhos

Características	Com filhos			Sem filhos		
	Quantidade	%	Obs.	Quantidade	%	Obs.
Sexo						
Homem	4.160	14,1	25	116.139	57,6	632
Mulher	25.379	85,9	162	85.510	42,4	537
Raça/cor						
Branca	4.247	14,4	30	46.091	22,9	274
Preta	7.028	23,8	42	38.223	19,0	211
Parda	16.653	56,4	107	106.306	52,7	619

(Continua)

2. Cinquenta e sete jovens se encontravam nessa situação e não foram incluídos na análise.

3. O salário mínimo no período da pesquisa era R$ 954,00, e a média da taxa de câmbio do dólar foi de R$ 3,52, o que indica que o salário mínimo correspondia a aproximadamente US$ 271,02.

(Continuação)

Características	Com filhos			Sem filhos		
	Quantidade	%	Obs.	Quantidade	%	Obs.
Raça/cor						
Amarela	1.395	4,7	6	7.335	3,6	35
Indígena	217	0,7	2	3.694	1,8	30
Idade						
15 a 17 anos	3.781	12,8	21	75.251	37,3	397
18 a 22 anos	19.906	67,4	116	93.847	46,5	549
23 a 24 anos	5.852	19,8	50	32.551	16,1	223
Renda domiciliar total						
Menos de 1 SM (até R$ 953,99)	13.671	46,3	82	51.368	25,5	288
1 a menos de 2 SM (de R$ 954,00 a R$ 1907,99)	8.940	30,3	63	75.773	37,6	434
2 a menos de 4 SM (de R$ 1.908,00 a R$ 3.815,99)	4.251	14,4	25	36.810	18,3	216
4 a menos de 6 SM (de R$ 3.816,00 a R$ 5.723,99)	739	2,5	6	15.910	7,9	98
6 a menos de 8 SM (de R$ 5.724,00 a R$ 7.631,99)	-	-	-	5.420	2,7	36
8 a menos de 10 SM (de R$ 7.632,00 a R$ 9.539,99)	689	2,3	1	2.199	1,1	12
Acima de 10 SM (a partir de R$ 9.540,00)	-	-	-	1.802	0,9	14

Fonte: Novella *et al*. (2018).
Elaboração dos autores.
Obs.: SM – salário mínimo.

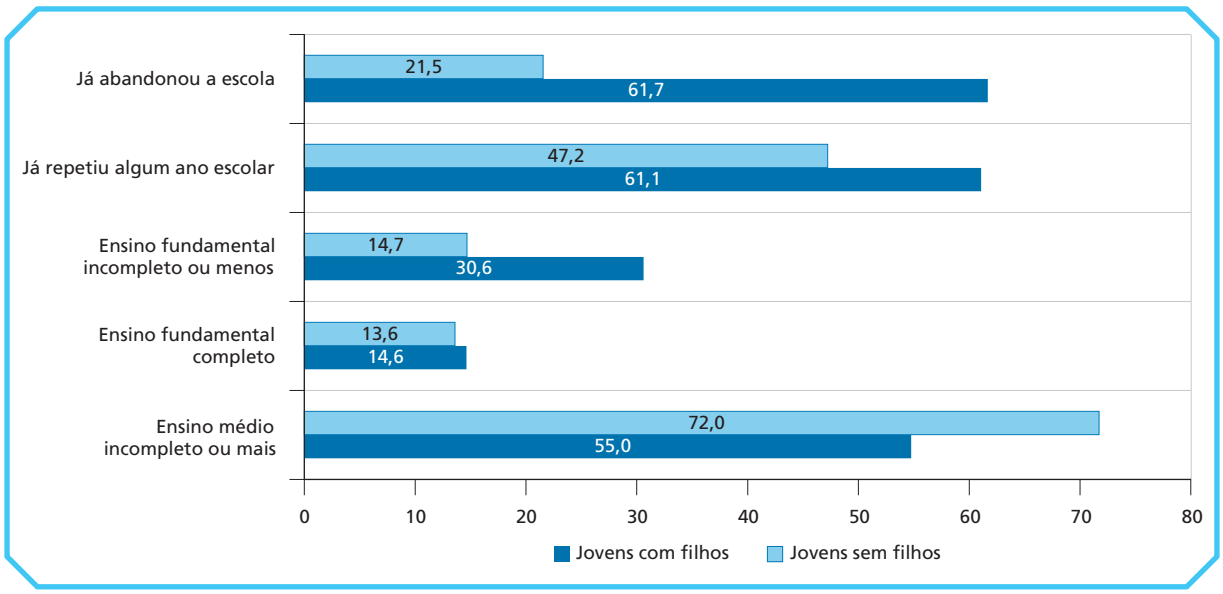
3 TRAJETÓRIAS DE ESTUDO OU TRABALHO

Os dados da pesquisa mostraram como jovens que lidaram com uma gravidez, a própria ou de sua companheira, apresentam vínculos mais fracos com seu desenvolvimento educacional. O aumento dos afazeres domésticos e a necessidade de entrar no mercado de trabalho para contribuir com a renda familiar acabam por aumentar o custo de oportunidade da educação. A baixa escolaridade e a própria condição de jovens também dificultam a entrada no mercado de trabalho e reduzem os rendimentos esperados do trabalho caso consigam uma posição. Assim, eles apresentam também uma maior dificuldade na transição da escolaridade para o trabalho.

3.1 Escolaridade

Nossas estimativas a partir de Novella *et al*. (2018) apresentam o fato estilizado da relação negativa entre gravidez na adolescência e desempenho educacional. O gráfico 2 mostra que mais de 60% dos jovens com filhos (que tiveram filhos antes dos 19 anos) já abandonaram a escola ou repetiram algum ano. Esses valores para jovens sem filhos são 21% e 47%, respectivamente. A interrupção no progresso escolar leva a um pior resultado para escolaridade máxima alcançada: quase um terço dos jovens com filhos na adolescência não completaram o ensino fundamental, enquanto apenas 14% dos jovens fora desse grupo se encontram nessa situação. Em relação ao ensino médio, mais de 70% dos jovens sem filhos na adolescência conseguiram chegar a cursar essa etapa, já para jovens com filhos essa porcentagem cai para 55%.

GRÁFICO 2
Escolaridade dos jovens com e sem filhos
(Em %)



Fonte: Novella *et al*. (2018).
Elaboração dos autores.

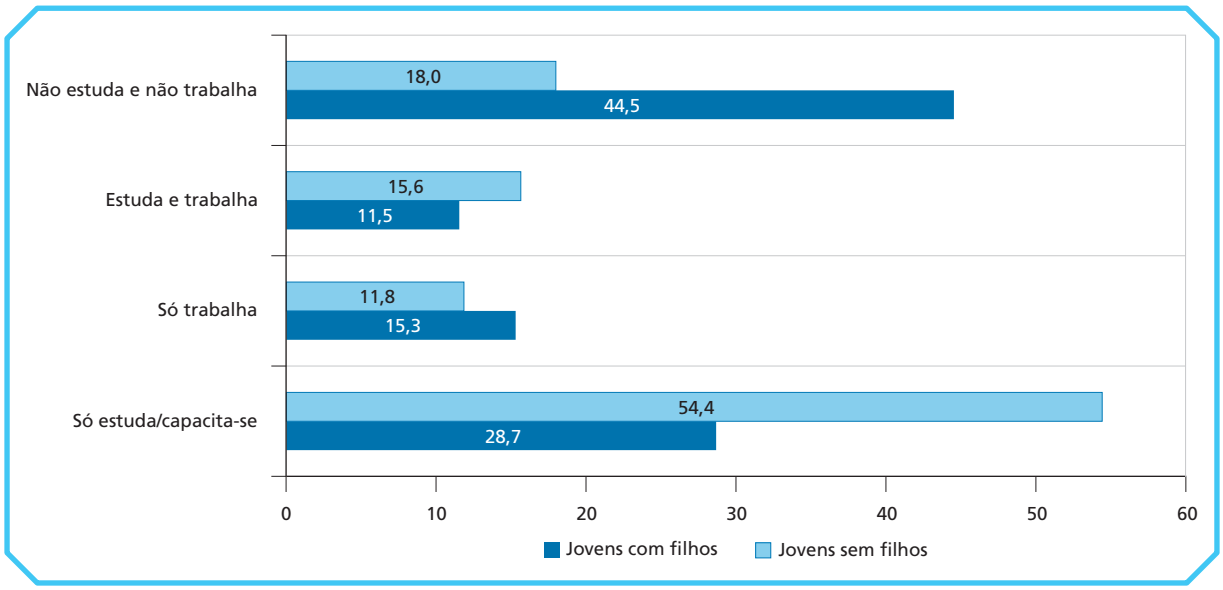
3.2 Uso do tempo: estudar *versus* trabalhar

Além de uma maior dificuldade de prosseguir com os estudos, a gravidez na adolescência também impõe restrições no mercado de trabalho. Para se aprofundar nessa questão, o gráfico 3 apresenta os possíveis estados do jovem em relação ao estudo e trabalho. Primeiramente, os resultados reforçam a conclusão do gráfico anterior: 70% dos jovens sem filhos declararam estar

estudando (trabalhando ou não), enquanto aproximadamente 30% dos jovens com filhos na adolescência declararam estar na mesma situação.

Outro resultado que chama atenção é a porcentagem de jovens com filhos que não estudam e nem trabalham: 44,5%, em comparação apenas 18% dos adolescentes sem filhos declararam essa condição. Esse alto valor evidencia como a gravidez afeta não apenas a escolaridade do jovem, como também sua inserção no trabalho. A maior demanda pelo trabalho não remunerado doméstico, principalmente para mulheres, a baixa escolaridade e a falta de experiência profissional contribuem para manter esses jovens fora da ocupação.

GRÁFICO 3
Condição de estudo e trabalho dos jovens com e sem filhos
(Em %)



Fonte: Novella *et al*. (2018).
Elaboração dos autores.

3.3 Trajetórias na transição estudo-trabalho

O gráfico 3 mostra a situação final dos jovens em relação ao mercado de trabalho e à educação. O questionário de Novella *et al*. (2018),[4] por sua vez, nos permite recuperar parte da trajetória desses jovens até essa situação. Em particular, podemos estimar se os jovens já

4. As perguntas são: *Alguma vez você repetiu um ano escolar?; Alguma vez você precisou abandonar a escola?*; e *Alguma vez você já trabalhou em alguma atividade e recebeu por isso?*

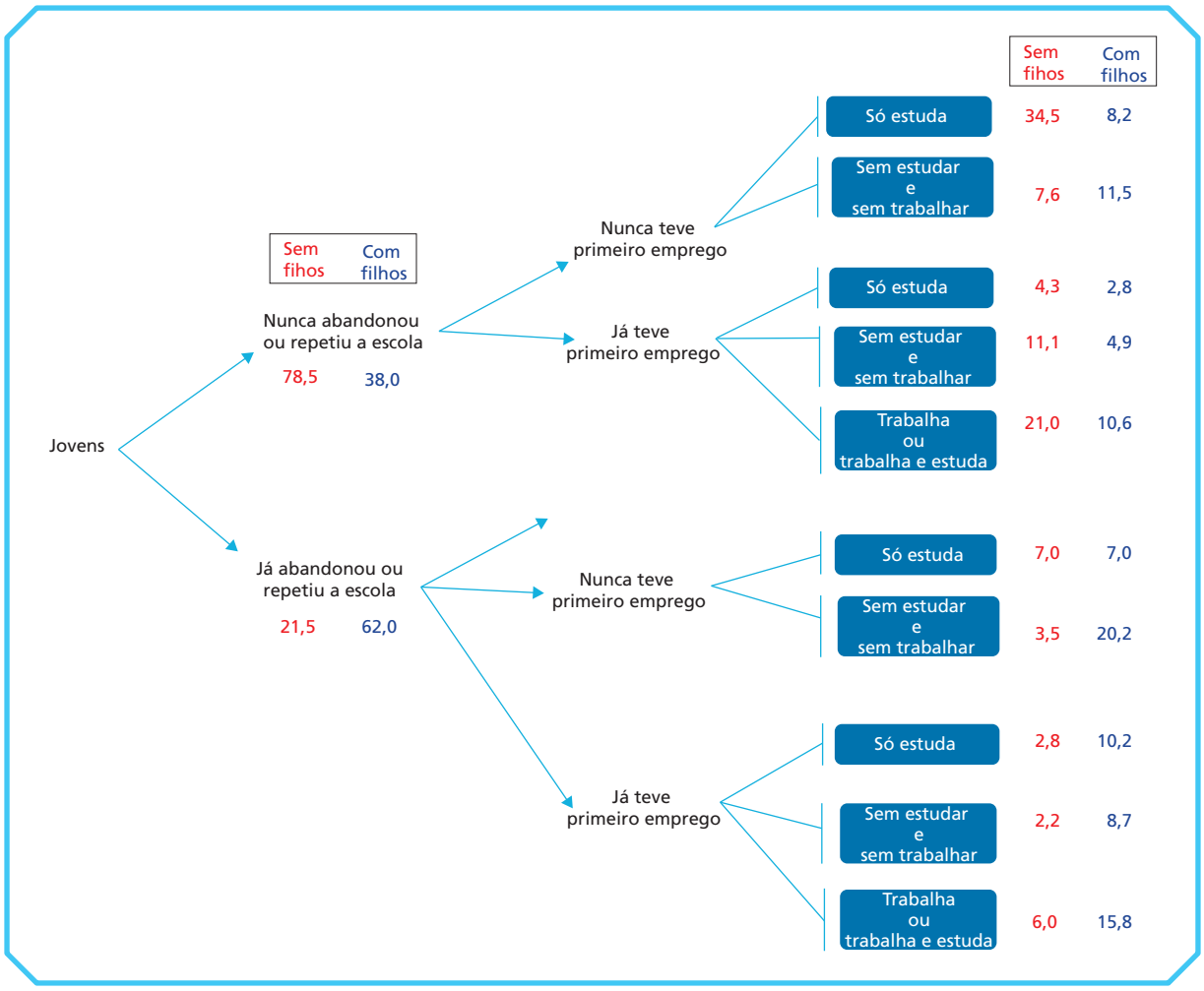
abandonaram seus estudos em algum momento ou se já tiveram algum emprego, até chegarem na situação atual. Cabe destacar se a decisão de abandonar a escola é do próprio jovem e se ele deseja que tal situação mude, de acordo com o nível escolar desejado de cada um.

O resultado desse exercício é mostrado na figura 1, com a árvore de trajetórias, que inclui a porcentagem de jovens com e sem filhos em seus pontos mais relevantes. A árvore apresenta dez trajetórias possíveis, mas podemos resumir nossa análise nos pontos que apresentaram resultados mais relevantes.

FIGURA 1

Trajetória entre estudo e trabalho dos jovens com e sem filhos

(Em %)



Fonte: Novella *et al*. (2018).
Elaboração dos autores.

A partir do braço "ideal", ou seja, dos jovens que nunca abandonaram os estudos, nota-se que 34% dos jovens sem filhos estão estudando e nunca estiveram ocupados. Essa é maior proporção desse grupo de jovens e, levando em conta a idade dos entrevistados (15 a 24 anos), esse foco na educação pode ser visto como um resultado positivo. Por seu turno, apenas 8% dos jovens com filho reportaram a mesma trajetória, sem interrupção dos estudos. Observando o caminho em relação ao trabalho, 21% dos jovens que não tiveram filhos afirmaram estar trabalhando, sem nunca terem abandonado os estudos, e essa é segunda maior porcentagem para esse grupo. A porcentagem de jovens com filhos na adolescência que conseguiram uma ocupação sem terem abandonando os estudos é 10%, a metade do grupo anterior. A maior proporção de jovens com filhos, 20%, se encontra na situação de não estudo e não trabalho, já abandonaram os estudos e nunca conseguiram uma ocupação – em comparação, apenas 3,5% dos entrevistados sem filhos estão na mesma situação.

Focando nos jovens que nunca estiveram ocupados, respondentes com e sem filhos têm porcentagens semelhantes (52,6% e 46,9% respectivamente), mas dentro desses valores estão grandes diferenças de resultados. Como foi dito acima, a grande maioria dos jovens sem filhos que nunca trabalhou está estudando (41,5% do total de jovens sem filhos), sendo que a maior parte nunca abandonou a escola ou repetiu um ano. Entrevistados com filhos na adolescência apresentam resultados diferentes: a maior parte desses jovens que nunca trabalharam também não estão estudando (31,7% desses jovens).

Um último resultado interessante do exercício é que a segunda maior proporção de jovens com filhos (aproximadamente 15%) é composta por indivíduos que já abandonaram ou repetiram a escola, e que se encontravam trabalhando no momento da pesquisa. Esse número mostra que a presença de filhos na adolescência pode dificultar a inserção no trabalho e também criar uma pressão por maiores rendimentos para a família, levando ao abandono da escola em favor do trabalho.

4 ASPIRAÇÕES, EXPECTATIVAS E PERCEPÇÕES

4.1 Aspirações e expectativas em relação a estudo e trabalho

Além de procurar caracterizar a situação atual dos jovens e suas trajetórias, a pesquisa investigou quais são as aspirações e expectativas sobre seu futuro escolar e laboral. Pensando nas perspectivas para o nível de escolaridade, mais da metade dos jovens com e sem filhos pretendem alcançar o ensino superior. Entre os jovens sem filhos, o percentual chega a quase 80% (39,4% pretendem alcançar o ensino superior e 36,9%, mestrado ou doutorado). Para os jovens com filhos, 28,1% gostariam de terminar o ensino médio. Os jovens sem filhos são mais otimistas em relação ao nível de escolaridade que pretendem alcançar: 76%

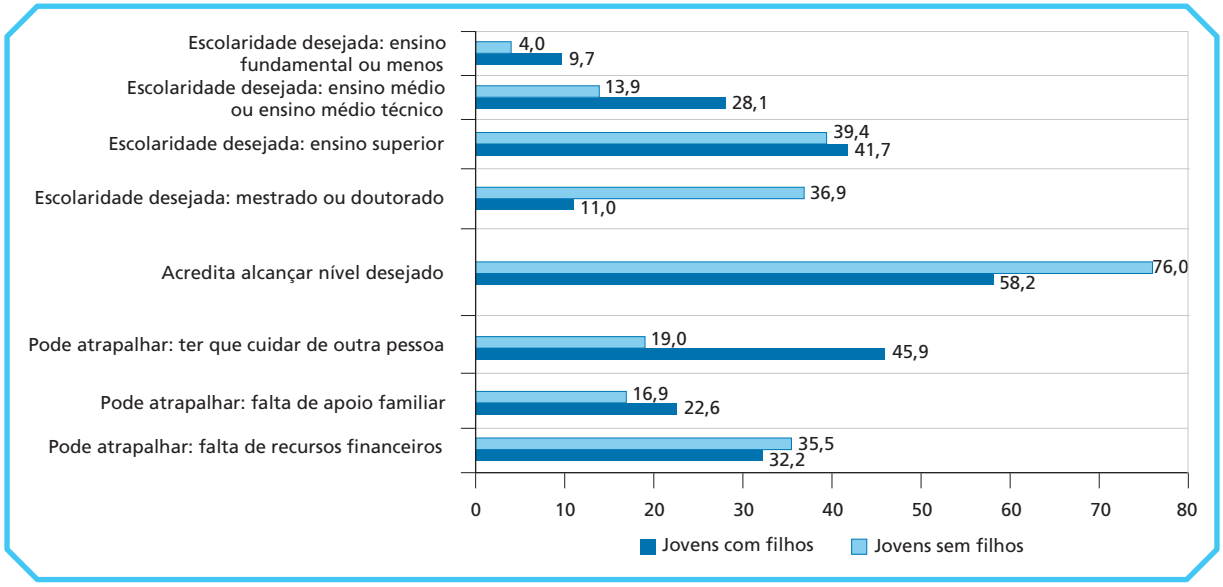
deles acreditam que possuem mais de 50% de chance de alcançar o objetivo. Entre os jovens com filhos, esse percentual é de 58,2%. Esses resultados sugerem que jovens com filhos percebem um custo de oportunidade mais elevado de seus estudos, e acabam preferindo tentar ganhos econômicos mais imediatos.

Entre os principais motivos para a não continuidade dos estudos, a grande maioria dos jovens com filhos ressaltou motivos pessoais: ter que cuidar de outra pessoa foi citado por 45,9% dos jovens e falta de apoio familiar, por 22,6%. No mesmo grupo, se destaca também a falta de recursos financeiros, apontada como relevante por 35,5%.

GRÁFICO 4

Expectativas em relação ao nível educacional almejado

(Em %)



Fonte: Novella *et al*. (2018).

Elaboração dos autores.

Obs.: Para identificar a escolaridade desejada pelo jovem, considerou-se a opção marcada na pergunta *Qual nível educacional deseja alcançar?*. Para definir o percentual de jovens que acreditam conseguir a escolaridade desejada, foram considerados aqueles que assinalaram "mais de 50%" ou "com certeza" na pergunta *Qual a probabilidade de você alcançar este nível?* (as outras duas opções para esta pergunta correspondiam a "impossível" e "até 50%"). Para definir se é provável que uma dada situação atrapalhe os estudos, foi identificado se o jovem marcou 6 ou mais em uma escala em que 0 é definido como impossível e 10 como com certeza.

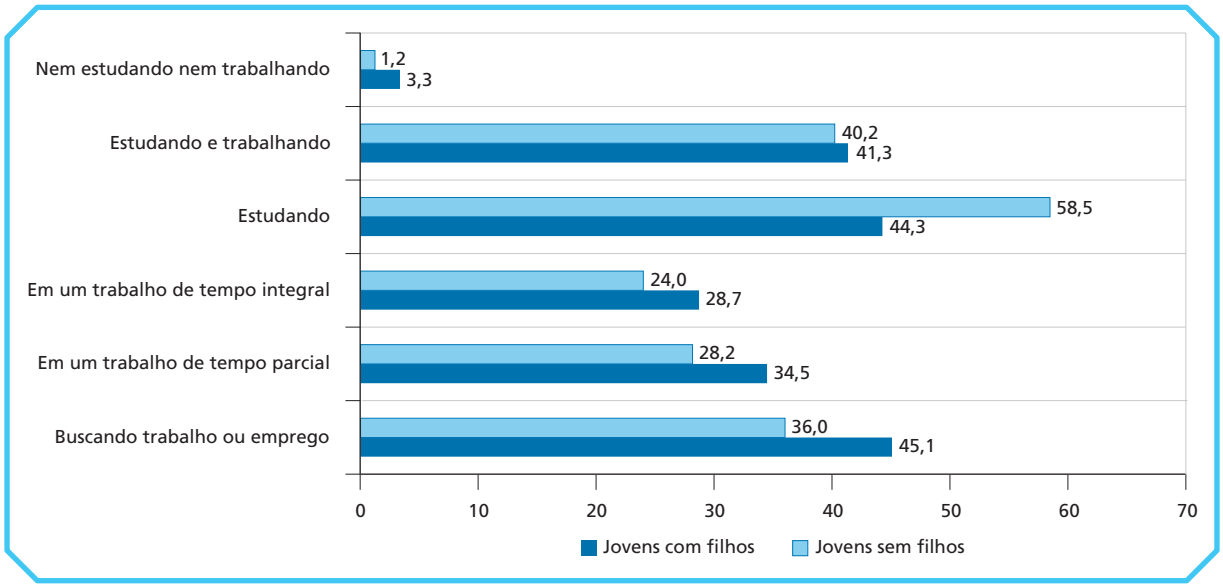
Com relação às expectativas dos jovens que estudam, a pesquisa perguntava sobre os planos que possuem após terminarem os estudos. Observa-se que, entre aqueles que não possuem filhos, quase metade (46%) pretende passar imediatamente para a próxima etapa

de educação. Em seguida, 36,6% indicaram procurar ou mudar de trabalho como objetivo. Já entre os jovens com filhos, a grande maioria (59,2%) pretende procurar ou mudar de trabalho. Em segundo com maior percentual apareceu o objetivo de montar o próprio negócio (16,2%) e apenas 14% desses jovens responderam que pretendem continuar investindo em sua educação.

GRÁFICO 5

Expectativas após concluir os estudos

(Em %)



Fonte: Novella *et al*. (2018).
Elaboração dos autores.
Obs.: Este gráfico é feito a partir das respostas da pergunta *O que pretende fazer após os estudos?*.

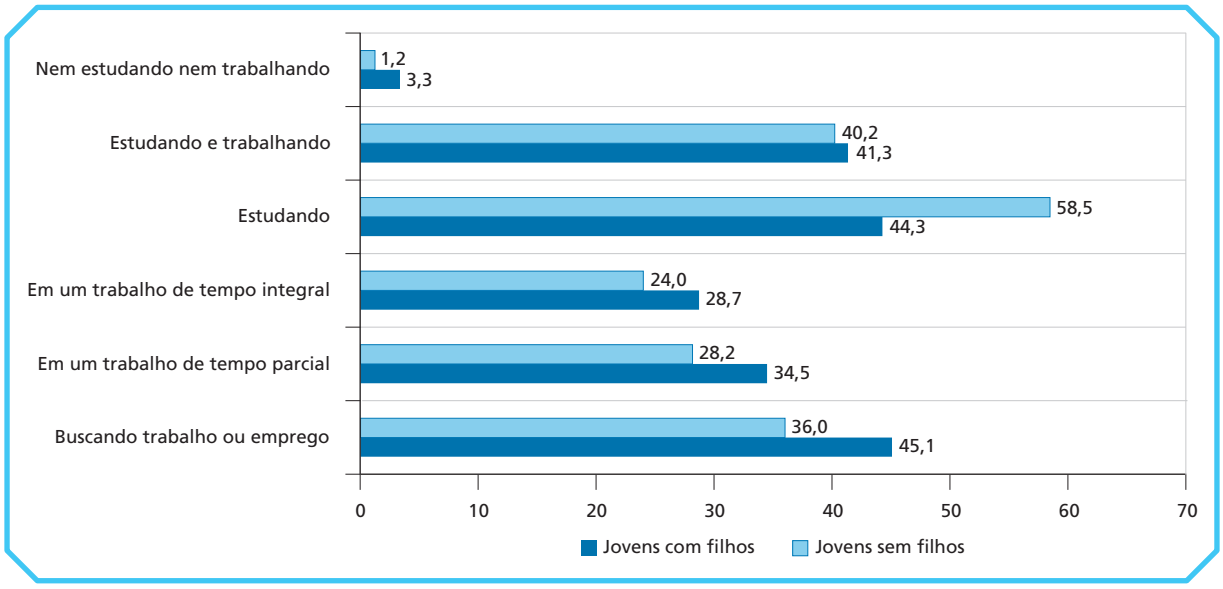
Além de caracterizar as expectativas em relação aos planos de estudo, também foi inquirido que atividades de estudo/trabalho os jovens esperariam estar realizando daqui a um ano. Entre os jovens com filhos, 45,1% responderam que concordam totalmente em estar buscando um trabalho dentro de um ano. São altos também os percentuais daqueles que gostariam de estar estudando (44,3%) e estudando e trabalhando (41,3%). Apenas 3,3% afirmaram que gostariam de estar sem estudar ou trabalhar. Entre os jovens sem filhos, 58,5% concordam totalmente que gostariam de estar estudando e 40,2%, estudando e trabalhando. Ou seja, a maioria dos jovens deseja e acredita que irá realizar alguma atividade de estudo ou trabalho daqui a um ano, mesmo entre aqueles que tiveram filhos na adolescência.

Quando perguntados sobre a possibilidade que consideram totalmente provável estar em cada uma dessas situações daqui a um ano, os jovens sem filhos são um pouco mais otimistas que aqueles com filhos em relação às chances de estudar ou estudar e trabalhar. O mesmo percentual de jovens sem filhos que gostariam estar estudando também acredita que provavelmente estará nesta situação daqui a um ano. No entanto, entre os jovens com filhos, uma proporção menor acredita que provavelmente estará nessa situação.

GRÁFICO 6

Quantidade de jovens que concordam totalmente em estar nessas situações daqui a um ano

(Em %)



Fonte: Novella *et al*. (2018).

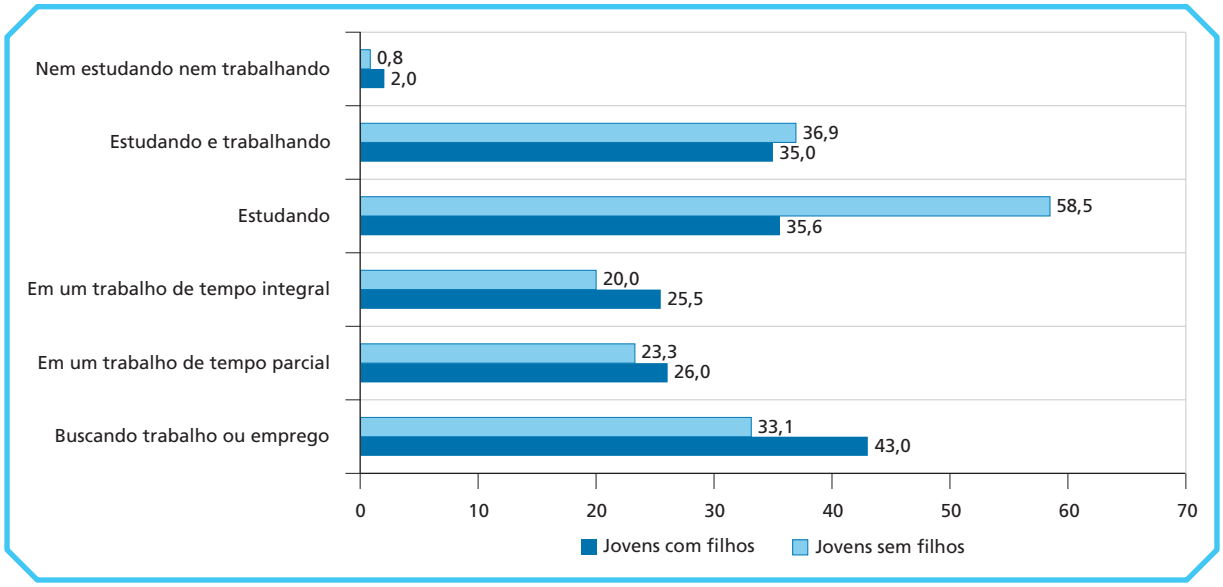
Elaboração dos autores.

Obs.: Este gráfico é feito a partir da pergunta *Daqui a um ano, eu estaria de acordo em estar*.... Nesta pergunta, os jovens escolhem um número, em uma escala de 0 a 10, na qual 0 representa discorda totalmente e 10, concorda totalmente. No gráfico, está representada a proporção de jovens que respondeu a opção "concorda totalmente".

GRÁFICO 7

Quantidade de jovens que consideram totalmente provável estar em cada uma dessas situações daqui a um ano

(Em %)



Fonte: Novella *et al*. (2018).

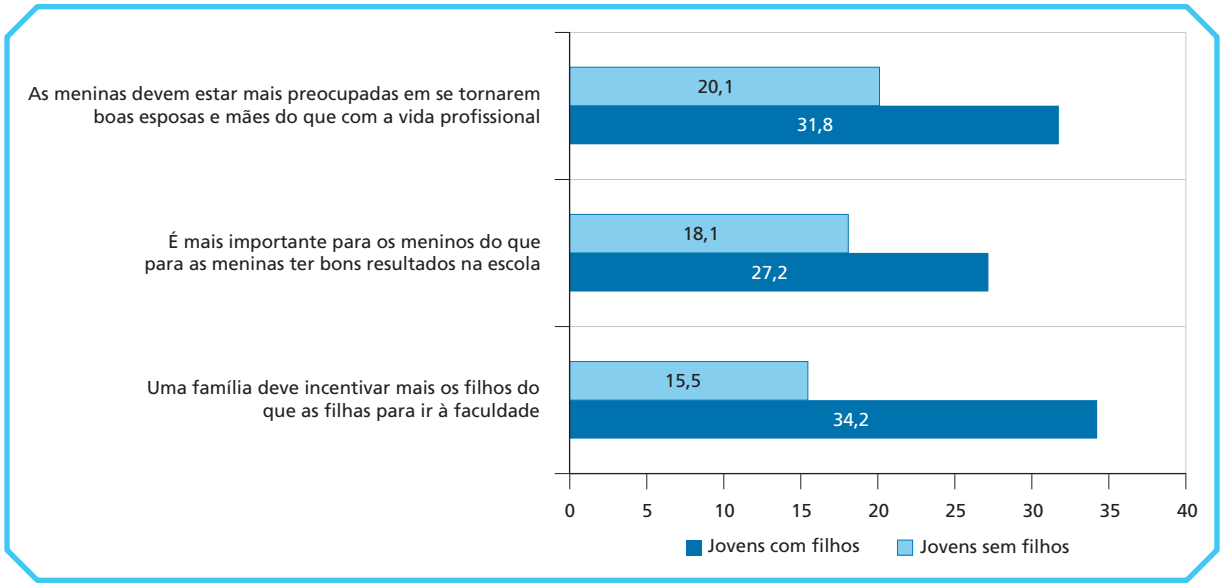
Elaboração dos autores.

Obs.: Este gráfico foi elaborado a partir da pergunta *Daqui a um ano, qual a probabilidade de estar*.... Nesta pergunta, os jovens escolhem um número em uma escala de 0 a 10, na qual 0 representa nada provável, e 10, totalmente provável. No gráfico, está representada a proporção de jovens que respondeu "totalmente provável".

4.2 Percepção sobre papéis de gênero no mundo do estudo e trabalho

O gráfico 8 mostra o nível de concordância em relação a atitudes que diferentes pessoas têm sobre o papel das mulheres na sociedade. Chama atenção o nível de concordância em relação às frases para os jovens com filhos. Na *frase Uma família deve incentivar mais os filhos do que as filhas para ir para a faculdade*, 34,2% concordam totalmente ou em partes com essa afirmação. Entre os jovens sem filhos, 15,5% concordam com a afirmação. Cerca de 32% das jovens com filhos concordam parcialmente ou totalmente que *As meninas devem estar mais preocupadas em se tornarem boas esposas e mães do que com a vida profissional*. Entre os jovens sem filhos, 20% concordam com a frase acima. Ou seja, entre os jovens que tiveram filhos mais cedo, há uma maior concordância com uma visão mais conservadora sobre o papel das mulheres na sociedade.

GRÁFICO 8
Quantidade de jovens que concordam com algumas afirmações sobre o papel das mulheres na sociedade
(Em %)

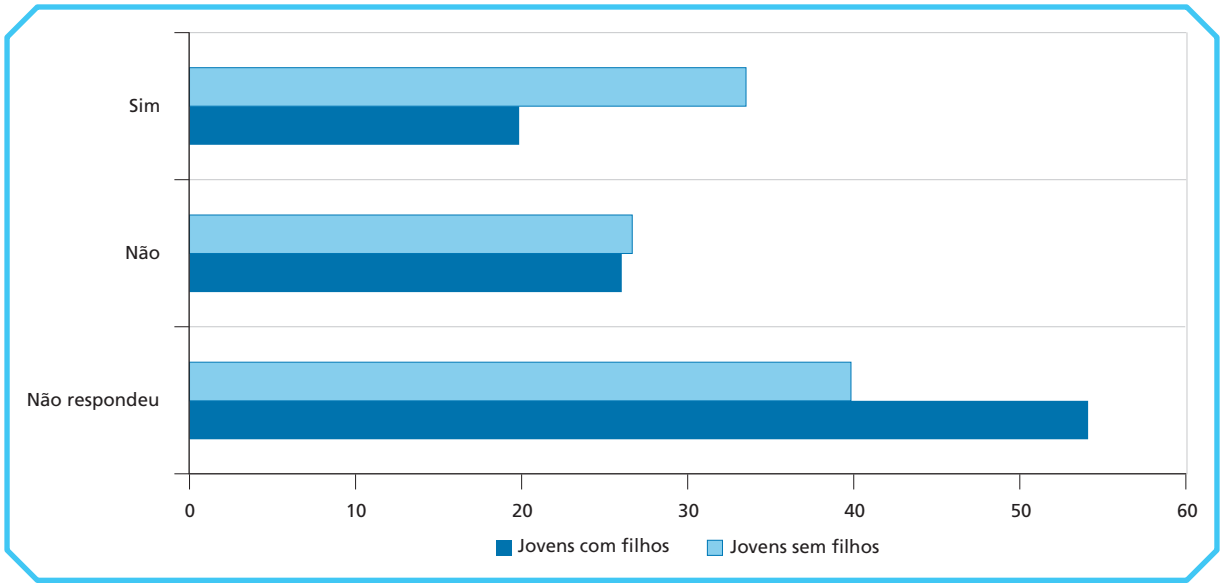


Fonte: Novella *et al*. (2018).
Elaboração dos autores.
Obs.: Nesta questão, os jovens escolheram entre as opções: discorda totalmente, discorda, concorda e concorda totalmente para cada uma das afirmações. O gráfico representa a proporção que escolheu concorda ou concorda totalmente.

4.3 Gravidez e educação sexual

De acordo com pesquisas e estudos, diversos fatores concorrem para a gestação na adolescência e a desinformação sobre sexualidade é um dos principais motivos. Questões emocionais, psicossociais e contextuais também contribuem, inclusive para a falta de acesso à proteção social e ao sistema de saúde, incluindo o uso inadequado de contraceptivos, como métodos de barreira e preservativos. Neste sentido, tentamos investigar a relação da informação sobre educação sexual de jovens com filhos e sem filhos. No gráfico 9, podemos notar que 20% dos jovens com filhos tiveram aulas de educação sexual, contra 33,5% dos jovens sem filhos. Importante mencionar o grande quantitativo de jovens que não responderam à questão.

GRÁFICO 9
Quantidade de jovens que tiveram aula de educação sexual na escola
(Em %)



Fonte: Novella *et al*. (2018).
Elaboração dos autores.
Obs.: Nesta questão, os jovens escolheram entre as opções: sim, não e não respondeu (NR). Esta questão fazia parte do questionário autoaplicado e teve elevada proporção de não respostas (45%).

5 CONTRIBUIÇÕES QUALITATIVAS[5]

Nesta seção, vamos apresentar alguns achados da análise qualitativa, realizada em Novella *et al*. (2018). As jovens com filhos e aquelas que relataram gravidez não planejada na adolescência foram encontradas apenas nos grupos de trajetória atípica – esses grupos reuniam as jovens com histórico de abandono escolar, repetência ou que estavam sem estudar e sem trabalhar por ocasião da pesquisa. Importante registrar que nenhum dos jovens participantes dos grupos de discussão de trajetória típica isto é, aqueles que nunca interromperam os estudos e não apresentavam defasagem idade série, informou ter filhos.

Do total de 25 jovens participantes dos grupos focais de trajetória atípica, oito informaram ter filhos e terem vivenciado gravidez na adolescência. Entre as jovens na faixa etária de 19 a 24 anos, seis informaram ter um único filho, com idades variando de 1 a 4 anos. Por sua vez, entre

5. Os nomes apresentados nesta seção são fictícios.

as adolescentes de 15 a 18 anos, uma estava grávida de seis meses no momento de realização da pesquisa e outra relatou ter perdido o filho meses após o nascimento.

Os achados qualitativos complementam e reforçam os resultados quantitativos apresentados nas seções anteriores, aportando elementos que ampliam a compreensão do fenômeno da gravidez na adolescência e suas consequências na trajetória de estudo e trabalho dos jovens. As narrativas das jovens mães, destacadas a seguir, enfatizam dramaticamente as dificuldades, as frustrações e os desafios que enfrentam em suas tentativas de retornar à escola e conseguir um emprego. Em relação às aspirações e expectativas, os resultados qualitativos também vão ao encontro das conclusões quantitativas ao mostrarem que as jovens com filhos nutrem expectativas pouco otimistas em relação ao futuro e, por esta razão, conformam-se em conseguir trabalhos precários, informais e de baixa remuneração.

5.1 A difícil conciliação entre estudo, trabalho e vida familiar

Todas as adolescentes de 15 a 18 anos do grupo de trajetória atípica estavam sem estudar e sem trabalhar no momento da pesquisa, porém, algumas dedicavam poucas horas da semana em atividades remuneradas sem vínculo formal. Eram manicures, vendedoras de bijuterias, cuidavam de filhos de vizinhos ou de outras pessoas no domicílio, entre outras atividades informais. Todas manifestaram o desejo de voltar a estudar, mas afirmaram que a condição financeira de suas famílias não permitia sustentá-las na escola sem trabalhar. Sendo assim, o retorno à escola dependia de conseguirem, primeiro, "qualquer" trabalho, que lhes permitissem ajudar um pouco em casa e pagar os custos de transporte e de material escolar. Para uma jovem que estava grávida de seis meses no momento de realização da pesquisa, à dificuldade financeira somava-se ainda a necessidade de saber "o que fazer" ou "a quem delegar" os cuidados de seu bebê, se conseguisse um trabalho e retornasse à escola.

> (...) No meu caso [para voltar a estudar], acho que vai ser meio complicado, porque eu, querendo ou não, antecipei uma fase da minha vida, a fase de ser mãe, e minha irmã, que eu poderia contar, trabalha o dia todo (...) ela quase nunca está em casa. Aí é o problema de achar alguém que possa ficar com meu bebê e fique enquanto eu estudo, enquanto eu trabalho, uma coisa assim (Luíza, 17 anos).

Mesmo achando complicado e difícil seu retorno à escola após o nascimento do bebê, Luíza não descarta fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), antecipando as dificuldades que poderá enfrentar, bem como suas desvantagens em relação aos jovens sem filhos:

> por exemplo, quando for a minha vez de fazer o Enem, eu vou estar com neném novinho. Eu vou ser uma mãe lactante e aí o que é que acontece: Você tem a opção de botar que é mãe lactante e você sair na hora da prova pra amamentar. Porém, o tempo que você perdeu amamentando, você não recebe de volta. E aí tem a opção de "ah, não, mas, deixa o bebê em casa e dá a mamadeira", e isso vai inchando, inchando, inchando e doendo [o seio], isso é horrível! Não queria passar por isso não (Luíza, 17 anos).

Outro elemento percebido nesse estudo é o descontentamento com a mudança do cotidiano após a gravidez. A adolescente grávida informou que parou de estudar devido à gestação, demonstrando insatisfação com seu dia a dia e com os incômodos físicos da gravidez.

> O meu dia é muito chato, não faço nada. É por causa da gravidez. De dia, você fica o dia todo sem poder abaixar, levantar direito, detesto ficar muito tempo parada porque dá muita dor nas costas, têm vezes que é um saco pra arrumar <fala em tom chateado> (Luíza, 17 anos).

Todas as jovens de 19 a 24 anos com filhos já tinham concluído o ensino médio e, no momento em que participaram da pesquisa, encontravam-se em uma das seguintes situações: sem estudar, só trabalhando; sem estudar e à procura de trabalho; e sem estudar e sem trabalhar. Em geral, eram jovens que, antes de terem filhos, estavam estudando, trabalhando, se preparando para entrar na faculdade e no mercado de trabalho, ou mesmo já cursando o ensino superior e que interromperam essa trajetória por causa da gravidez não planejada. Muitas jovens relataram sentir saudades de um tempo em que tinham liberdade para estudar e trabalhar e eram mais livres e independentes, tinham conta bancária e conseguiam arcar com suas próprias despesas.

> Muitas vezes eu quero comprar minhas coisas e eu não tenho o dinheiro. (...) E quando eu comecei a trabalhar era uma felicidade, eu, tipo, eu não sabia mexer nada de banco, comecei a aprender a mexer em banco que eu sempre quis aprender. Essas coisas assim, mais na parte financeira mesmo. Porque eu conseguia comprar minhas coisas, não precisava pedir dinheiro para minha mãe. Eu saía assim para comprar comida. Eu ficava muito orgulhosa porque eu saía da escola e ia para o trabalho, chegava cansada, mas eu ficava tão feliz <ênfase na palavra> Eu agradeci tanto a Deus que foi muito bom aquilo. Mas acabou (Rebeca, 23 anos).

Após o nascimento do filho, as vidas das jovens passaram por uma grande transformação. Muitas tiveram que abandonar o emprego e a escola para assumirem os cuidados e as novas responsabilidades familiares. Essas mudanças são, muitas vezes, narradas com grande tristeza,

insatisfação e esperança de um dia voltarem a reunir as condições para voltarem a estudar e a ter um trabalho remunerado.

> Essa felicidade [de entrar na faculdade], eu não tive, porque quando eu terminei os estudos [ensino médio] aí eu engravidei e minha vontade era fazer faculdade de Direito. Só que aí todo mundo dizia: "Ah, não morreu, tem como você continuar". Mas, sei lá, eu acho que hoje eu penso mais em trabalhar para cuidar da minha filha. (...) E, aí, esse sonho foi embora. Agora é só cuidar dela, trabalhar para ela, né? (Maria Rita, 21 anos).

> Parei os estudos depois que tive meu menino ... quer dizer, terminei o segundo ano da faculdade. Mas eu pretendo voltar, não trabalho, fico em casa, fazendo tudo em casa, porque trabalham minha mãe, meu pai <tom de cansaço>. (...) Estou solteira. O pai do meu filho deixei vai fazer um ano, assim que ele nasceu (Rebeca, 23 anos).

Como se nota, pela narrativa destacada a seguir, trabalhar (fora de casa), para as jovens com filhos, é um desafio que começa no momento em que tentam sair de casa para procurar emprego e precisam encontrar alguém que fique com seus filhos.

> É, eu cuido da minha filha, e tem dia que eu vou entregar currículo. No Atacadão já levei uns dez! [RISO] E às vezes é ruim deixar e ter que pedir pra minha mãe: "Ah, mainha, olha", aí minha mãe fala: "Quem pariu Mateus que balance". "Mas, eu vou atrás de emprego". "Ah, então vai, eu olho a menina" (Anailde, 20 anos).

Algumas jovens conciliam os afazeres domésticos com o cuidado dos filhos e o trabalho remunerado. Porém, isso só é possível quando podem contar com o suporte de alguém na família para ficarem com seus filhos enquanto trabalham. Ainda assim, a rotina é dura porque a maior parte das jovens mães não conta com companheiros para compartilhar as responsabilidades com as crianças.

> Eu tenho 22 anos e tenho uma filha de 2 anos. Mora só eu e ela, eu trabalho em um *call center*, quando eu vou para o trabalho eu a deixo na casa da minha tia (...), quando volto do trabalho vou buscá-la. E é isso, sou eu que faço tudo em casa, sou eu que faço tudo, eu que cuido de tudo (Vera, 22 anos).

Muitas vezes a saída para melhorar o orçamento familiar é aceitar um trabalho de tempo parcial de baixa remuneração, no qual seja possível conciliar os cuidados com o filho e os afazeres domésticos.

> Minha filha dorme muito tarde e acorda tarde também, ela tem 2 anos. Mas é até bom, porque eu trabalho e são só cinco horas. O dinheiro também não compensa, é bem pouquinho. É diferença de uma hora e você não recebe o salário completo e não recebe ticket alimentação. Mas é o que consigo fazer (Laís, 21 anos).

Como se apreende, a partir das narrativas destacadas, voltar a estudar permanece um desejo para as jovens que precisaram interromper suas trajetórias de estudo devido à gravidez ou nascimento do filho; porém, no curto prazo, não encontram formas de realizar esse sonho. De um lado, suas famílias não dispõem de condições financeiras para mantê-las estudando sem trabalhar. De outro, não conseguem trabalho remunerado porque não têm a quem delegar as tarefas de cuidados com seus filhos, ainda pequenos. Assim, a vida dessas jovens assemelha-se a um ciclo vicioso sustentado por um conjunto de fatores negativos, que se encadeiam em um processo sem resolução, fazendo-as permanecer sem estudar e sem trabalhar por um longo período de tempo.

Segundo Dias e Teixeira (2010), a gravidez na adolescência é um fenômeno heterogêneo, cujas consequências, significados e impactos na vida das jovens variam muito em função do contexto social em que vivem. As jovens que participaram da nossa pesquisa viviam em famílias pertencentes aos primeiros e segundo décimos da distribuição de renda do município de Recife e tiveram suas trajetórias de escolarização e profissionalização intensamente prejudicadas com a gravidez, pois suas famílias não dispunham de condições financeiras para evitar que abandonassem suas atividades de estudo e trabalho. Entretanto, em contextos socioeconômicos mais confortáveis, é possível que a gravidez não provoque a descontinuidade da escolarização e da profissionalização, já que jovens de famílias de rendas mais elevadas podem contar com maior suporte familiar, o que evitaria a interrupção completa de suas trajetórias de estudo e trabalho.

5.2 Expectativas e aspirações

Juntamente com o sonho de voltar a estudar, outro importante desejo das jovens mães é o de conseguir um trabalho remunerado para serem capazes de arcar com suas próprias despesas e as de seus filhos. No entanto, como vimos, retomar a trajetória de estudo e trabalho é um desafio distante de ser alcançado, considerando a total falta de suporte familiar, sobretudo do ponto de vista financeiro; as dificuldades de acesso às políticas públicas de cuidados infantis; a baixa escolaridade; e a pouca qualificação profissional.

Ademais, muitas jovens disseram que se sentiam despreparadas para participar de entrevistas de emprego, por exemplo, pois acreditavam que suas qualificações não eram suficientes para conseguirem a vaga ofertada. Mesmo assim, não desistiam e continuavam, cotidianamente, a mesma busca por um trabalho.

> [O governo deveria] fazer uns *workshops*, assim, de repente, para ajudar em oratória para se expressar, para falar. A gente vê que aqui falta muito isso. Às vezes a pessoa, a gente até tem capacidade, mas, infelizmente, chega na entrevista não sabe se expressar e a gente fica muito perdida. É bom no que faz, mas na hora se perde, porque não tem esse preparo. E tipo, na primeira entrevista, a gente tem que mostrar tudo que a gente é, mas a gente não consegue mostrar isso e não dão outra oportunidade à gente (Sônia, 19 anos).

> Eu saio toda semana para entregar currículo, mas nunca consigo porque eu não tenho experiência noutras áreas, só em *call center*. E *call center* é um lugar que você não precisa de experiência para trabalhar, e aí complica. Mas eu acho que dar oportunidade para pessoas que não têm experiência ainda é muito complicado. A gente tem força de vontade para procurar e ninguém nasce sabendo, todo mundo tem que aprender e eles não dão essa chance. Podia ter um treinamento, e se você se saísse bem, seria contratada. Mas nem isso (Camila, 21 anos).

Após tantas entrevistas e tentativas frustradas para conseguir um emprego, algumas jovens ficam com a autoestima e a autoconfiança afetadas e passam a se sentir rejeitadas, inferiorizadas, desmotivadas e desanimadas. Começam a acreditar que nunca mais conseguirão um emprego que as aceite. Como consequência, reduzem suas expectativas e aspirações para o futuro. Como podemos observar pelas narrativas abaixo, muitas jovens revelaram que se sentem despreparadas, incapazes e desmotivadas em sua vida no presente.

> Eu me sinto esquecida pela falta de oportunidade, porque muitas vezes a gente está ali, mas eles parecem que não enxergam. É como se eu fosse invisível, em outras palavras. O "esquecida" não é porque eu sou coitada, não. É difícil pra todo mundo. Mas é nessa questão de ser como se eu fosse invisível porque eu estou ali tentando, mas ninguém aposta em mim, ninguém acredita em mim (Rebeca, 23 anos).

> (...) Não é só solteira, mas por ter uma filha já pensam, te olham assim: "Ó! Solteira já tem uma filha" e já não se aproximam mais. Para o emprego, eles (os empregadores) visam assim, "só lá é ela e a criança, se acontecer alguma coisa ela vai ter que sair". Aí eles (empregadores) não né, como é que eles vão me dá oportunidade, quando é que eu vou mostrar o que eu sei fazer se eles não me dão oportunidade (Barbara, 22 anos).

> A gente olha para as circunstâncias e acaba se sentindo incapaz. Em algum momento a gente sabe que é capaz de conseguir se a gente se esforçar, mas vem aquele desânimo, e não tem ninguém para apoiar. Isso no meu caso, não vejo muito apoio. Acho que o meu problema é esse (Ângela, 22 anos).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui apresentadas mostraram que uma gravidez na adolescência tende a prejudicar a trajetória de estudo e trabalho dos jovens, além de reduzir suas expectativas e aspirações para o futuro. Os dados apontaram uma série de evidências de que os jovens, principalmente as mulheres, que vivenciaram gravidez não planejada apresentavam vínculos mais precários com o seu desenvolvimento educacional. Por exemplo, entre os jovens que tiveram filhos na adolescência, seis em cada dez já haviam abandonado alguma vez a escola, enquanto entre os jovens sem filhos a proporção encontrada foi três vezes menor. Os jovens sem filhos também conseguem adquirir maior escolaridade. De acordo com as estimativas realizadas, 70% deles concluíram o ensino médio, contra 55% dos jovens com filhos.

Os resultados quantitativos destacaram que os efeitos da gravidez na adolescência atingem a trajetória laboral dos jovens com filhos. A proporção de jovens sem estudar e sem trabalhar é quatro vezes maior entre os jovens com filhos em comparação aos jovens sem filhos. Analisando ainda a transição escola-trabalho, os dados também foram contundentes ao demonstrar que aqueles que têm filhos são proporcionalmente mais representados em trajetórias precárias, que envolvem períodos de inatividade completa – sem estudo e sem trabalho – ou abandono escolar em favor do engajamento mais precoce no mercado de trabalho.

Com baixa escolarização e pouca qualificação, os jovens com filhos sentem que têm poucas chances de melhorarem suas vidas no futuro. Sonham em retomar suas trajetórias de estudo e de trabalho, mas enfrentam importantes desafios para concretizarem esse desejo, tais como: falta de recursos financeiros; pouco ou nenhum tempo livre para se dedicarem à continuidade da escolarização e à aquisição de habilidades profissionais; e a dificuldade de acesso aos serviços públicos de cuidados, como as creches.

Esse conjunto de dificuldades acaba impactando as aspirações e as expectativas dos jovens com filhos. Os dados encontraram, por exemplo, que, enquanto 76% dos jovens sem filhos acreditam que irão alcançar a escolaridade desejada (ensino superior, mestrado e doutorado), entre os jovens com filhos esta proporção cai para 58%. As contribuições da etapa qualitativa, por sua vez, trouxeram narrativas que evidenciaram problemas com a autoestima e a autoconfiança das jovens mães. As inúmeras tentativas frustradas para conseguir um emprego contribuíram para reduzir as aspirações e os sonhos das adolescentes e jovens com filhos, fazendo com que se sentissem despreparadas, incapazes e desmotivadas.

De fato, os dados mostraram que existe uma forte relação entre gravidez não planejada na adolescência e as maiores limitações de oportunidades educacionais, de trabalho e,

consequentemente, de aspirações e expectativas dos jovens e adolescentes. A literatura também recorda que os efeitos da gravidez na adolescência não são homogêneos e que esses podem ser mais ou menos atenuados em função do estrato social ao qual pertencem os jovens que vivenciam essa situação. Provavelmente, os jovens com filhos, provenientes de famílias de renda mais elevada, não precisarão abandonar seus estudos por falta de recursos financeiros, ou por problemas de acesso à estrutura institucional de cuidados, tampouco terão que abandonar os estudos para entrar precocemente no mercado de trabalho.

Assim, os resultados analisados neste texto e os aportes trazidos pela literatura sobre o tema trazem várias pistas para determinar quais políticas públicas seriam importantes para apoiar os jovens e adolescentes com filhos em suas trajetórias de estudo e trabalho. Considerando a associação entre a pobreza, a desigualdade e o abandono escolar com a gravidez na adolescência, por exemplo, tornam-se fundamentais as medidas de fortalecimento e ampliação de programas de combate à pobreza que aliam a transferência de renda às condicionalidades de frequência à escola, a exemplo do Programa Bolsa Família (PBF). Nesse programa, a frequência escolar mínima exigida para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos é de 85% e para a faixa etária de 16 a 17 anos é de 75%. Todavia, como as faltas devido à gravidez são consideradas injustificáveis de acordo com as regras do PBF,[6] o custo de oportunidade de fecundidade entre as adolescentes beneficiárias desse programa torna-se mais elevado.

Outra área de políticas públicas que poderia ser incentivada para apoiar os jovens de ambos os sexos que já têm filhos seria a ampliação de oportunidades de conciliação de trabalho, estudo e vida familiar. Nessa linha, poderiam ser desenvolvidas ações de garantias de acesso a creches públicas de qualidade em locais próximos às escolas, por parte dos jovens trabalhadores e estudantes com filhos. Nessa direção, é importante destacar a criação da sala de acolhimento do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem), que foi, à época de sua criação, considerada uma ação pública acertada.[7]

6. Para o PBF, são "justificáveis" os motivos que, do ponto de vista social, não estão sob a governabilidade da família, já que se caracterizam como situações imprevistas, inusitadas ou externas, tais como: doença do aluno (comprovada/avaliada pela escola); doença/óbito na família (comprovada/avaliada pela escola); inexistência da oferta de serviço educacional; e fatores impeditivos da liberdade de ir e vir (enchentes, falta de transporte, violência urbana na área escolar e calamidades).

7. O Projovem foi criado em 2005 e integra os programas suplementares do FNDE. É destinado a jovens com 18 a 29 anos residentes em áreas urbanas ou em áreas rurais que, por diversos motivos, foram excluídos da escolarização, com o objetivo de reintegrá-los ao processo educacional, elevar sua escolaridade e promover sua formação cidadã e qualificação profissional, por meio de curso com duração de dezoito meses. Atualmente, é considerado um programa marginal no âmbito do Ministério da Educação e oferta, em média, apenas cerca de 50 mil vagas anuais.

Em 2012, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) realizou alterações significativas na execução do Projovem, com a criação das salas de acolhimento nas escolas-núcleo. Essas salas têm o objetivo de apoiar o processo de desenvolvimento educacional dos estudantes que têm filhos (ou são responsáveis legais por crianças) de 0 a 8 anos, permitindo que concluam o curso, alcançando a exigência mínima de 75% de frequência nas atividades presenciais. Esse espaço de atendimento busca proporcionar condições adequadas de segurança e bem-estar às crianças, no período em que seus pais estão frequentando o programa. É importante esclarecer que não se trata de um serviço equivalente à creche, pré-escola ou escola de educação infantil ou de ensino fundamental, mas tem se mostrado de grande importância para que os jovens pais consigam concluir seus estudos.

A Agenda Nacional do Trabalho Decente para Juventude (ANTDJ), construída em 2010 por um comitê integrado por representantes do governo federal, dos empregadores e dos trabalhadores, também pode ser destacada como uma iniciativa que buscou contemplar a preocupação dos jovens com filhos e sua inserção no mercado de trabalho. Concebida com o objetivo de apoiar os jovens que, estando em idade de trabalhar, tinham seus direitos desrespeitados, seja enquanto trabalhadores, seja enquanto cidadãos, a ANTDJ incluiu uma prioridade específica para os jovens que precisavam conciliar vida familiar com trabalho e estudo. Para Corrochano e Abramo (2016), mesmo que a ANTDJ não tenha estabelecido como prioridade a redução da jornada de trabalho, devido à ausência de consenso em torno de uma proposta dessa natureza, houve concordância em torno da realização de um amplo debate sobre tema. Ademais, as autoras esclarecem que:

> a importância dos consensos construídos no Subcomitê da Juventude em torno da necessidade de articular o apoio à conciliação entre o trabalho, os estudos e a vida familiar também se revela quando analisada a situação de rapazes e moças com filhos: é esse o grupo mais assoberbado pelas atividades relacionadas aos cuidados com a vida doméstica e familiar. Segundo os dados da Pnad 2013, entre os jovens pais e as jovens mães, independentemente do sexo ou da faixa etária, o tempo médio dedicado aos afazeres domésticos chega a ser 13 horas superior ao daqueles e daquelas que não possuem filhos ou filhas (Ipea e SNJ, 2014) (Corrochano e Abramo, 2016, p. 2021).

Tendo em vista que a gravidez na adolescência contribui para reduzir as aspirações e expectativas, é importante também pensar em medidas de políticas públicas que fortaleçam determinadas habilidades emocionais, como autoestima e autoconfiança, para que os jovens com filhos voltem a manter a motivação a fim de direcionar seus esforços e enfrentar os desafios de conciliar a maternidade/paternidade com a continuidade da trajetória de estudo e trabalho.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),[8] em concordância com o que foi estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 13.415/2017), contempla o ensino de competências socioemocionais no currículo da educação básica. No entanto, alguns estudos preliminares vêm mostrando inúmeras dificuldades para sua efetivação, tais como: falta de capacitação dos professores; lotação das salas de aula, dificultando o acompanhamento; ausência de material pedagógico específico, entre outras (Monteiro, 2019).

Finalmente, considerando que a desinformação sobre sexualidade é um dos principais motivos da gravidez na adolescência, é importante ampliar o acesso a informações sobre métodos contraceptivos, por meio de educação e orientação sexual. Ademais, estudos mostram que o uso de preservativos na primeira relação sexual está negativamente relacionado à probabilidade de engravidar, sugerindo que a educação sexual e o acesso a métodos anticoncepcionais são fundamentais para evitar a gravidez na adolescência (Bird, 2012).

Políticas públicas de prevenção à gravidez na adolescência é um tema em disputa no Brasil, que recentemente veio à tona após o Ministério da Família, Mulher e Direitos Humanos ter proposto a abstinência sexual na adolescência como política pública em janeiro de 2020. Os defensores dessa visão acreditam que a educação sexual na adolescência pode incentivar e legitimar as atividades sexuais antes do casamento. Por sua vez, os estudiosos do tema entendem que a prevenção de uma gestação depende principalmente do acesso a informações sobre saúde reprodutiva e sobre as diversas formas da prática de sexo seguro.

Schalet (2011) lista quatro razões para refutar a teoria da abstinência como política pública a fim de evitar a gravidez na adolescência. A primeira por tratar, indistintamente, os atos sexuais na adolescência como errados, ignorando que nem todas as relações sexuais entre adolescentes são de alto risco. A segunda, por conceber a sexualidade na adolescência como uma atividade em vez de um *continuum*. A terceira por não levarem em conta que existem famílias e cuidadores que apoiam as experiências sexuais positivas entre os adolescentes. E, finalmente, pelo fato de não reconhecer que a pobreza e a desigualdade social estão, na maioria das vezes, na raiz dos problemas que afetam a saúde sexual na adolescência. De acordo com Peres (2020), a gravidez na adolescência

8. É um documento de caráter normativo, previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que tem como objetivo direcionar a construção dos currículos escolares. Define as aprendizagens essenciais que o aluno deve ter ao longo das três etapas da educação básica – educação infantil, ensino fundamental e ensino médio –, de modo que sejam assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

> deve ser abordada com a importância devida nos campos da educação, da saúde, da cultura, da política como um processo de aprendizagem social, mediado pelo diálogo, que possibilite aos adolescentes autoconhecimento, discussão sobre normas de gênero e suas repercussões em modelos de feminilidade e masculinidade, sobre formas diversas de expressão da sexualidade, sobre a violência que permeia nossas relações sexuais e de gênero e ainda sobre formas de cuidado à saúde e de proteção contra Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez.[9]

Em síntese, tendo em vista os diversos fatores associados à gravidez na adolescência, as ações em apoio aos jovens e adolescentes nessa situação demandam uma estratégia de políticas públicas que integre as diferentes ações e atores institucionais e da sociedade em prol da construção de uma agenda de políticas que promova a igualdade de capacidades e direitos dos jovens com filhos de ambos os sexos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J. P. *et al*. **Teenage pregnancy and opportunities in Latin America and the Caribbean**: on teenage fertility decisions, poverty and economic achievement. Washington: World Bank, 2012.

BÉRIA, J. U. *et al*. Motherhood in early adolescence: a case-control study in Southern Brazil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 25, p. 439-448, 2020.

BLACK, M. M. *et al*. Early childhood development coming of age: science through the life course. **The Lancet**, v. 389, n. 10064, p. 77-90, Jan. 2017.

CORROCHANO, M.; ABRAMO, L. Juventude, educação e trabalho decente: a construção de uma agenda. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 22, n. 47, p. 110-129, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318250439>. Acesso em: 6 jul. 2021.

CRUZ, M. S. D.; CARVALHO, F. J. V.; IRFFI, G. D. Perfil socioeconômico, demográfico, cultural, regional e comportamental da gravidez na adolescência no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 46, jan./jun. 2016.

DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. C. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia**, v. 20, n. 45, p. 123-13, jan./abr. 2010.

9. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/educacao-sexual>. Acesso em: 12 fev. 2021.

KASSOUF, A. L. *et al*. **Examining the impact of early childbearing on labor outcomes in Brazil**. [s.l.]: PEP, 2020. (Working Paper, n. 2020-19).

KOPPENSTEINER, M. F.; MATHESON, J. **Secondary schools and teenage childbearing**: evidence from the school expansion in Brazilian municipalities. Washington: World Bank, 2020. (Working Paper, n. 9420).

MARTINEZ, E. Z.; ROZA, D. L. da. Ecological analysis of adolescent birth rates in Brazil: association with human development index. **Women and Birth**, Amsterdam, v. 33, n. 2, p. 191-198, 2020.

MASUDA, K.; YAMAUCHI, C. How does female education reduce adolescent pregnancy and improve child health? Evidence from Uganda's universal primary education for fully treated cohorts. **The Journal of Development Studies**, v. 56, n. 1, p. 63-86, 2020.

MONTEIRO, N. S. **O desafio do desenvolvimento das competências socioemocionais como parte curricular em uma escola de ensino médio em tempo integral do Ceará**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2019. Disponível em: <http://mestrado.caedufjf.net/wp-content/uploads/2019/10/NEUSA-SETUBAL-MONTEIRO.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

NARITA, R.; DIAZ, M. D. M. Teenage motherhood, education, and labor market outcomes of the mother: evidence from Brazilian data. **EconomiA**, v. 17, n. 2, p. 238-252, May/Aug. 2016.

NOVELLA, R. *et al*. **Millennials da América Latina e no Caribe**: trabalhar ou estudar? Brasília: BID, 2018.

PARANJOTHY, S. *et al*. Teenage pregnancy: who suffers? **Archives of Disease in Childhood**, v. 94, n. 3, p. 239-245, 2009.

PERES, A. C. Educação sexual: que programas e políticas são mais eficazes quando o assunto é sexo na adolescência? **Radis Comunicação e Saúde**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/educacao-sexual>. Acesso em: 12 fev. 2021.

ROCHA, E.; BORGES, D.; FIGUEIREDO, M. **Conciliação dos estudos, trabalho e vida familiar na juventude brasileira**. Brasília: OIT; Ipea, 2015.

SANTOS, F.; CORSEUILL, C. H. **Os efeitos do Programa Bolsa Família sobre a frequência escolar das mães adolescentes beneficiadas**. Rio de Janeiro: Ipea, 2019. (Texto para Discussão, n. 2477).

SCHALET A. T. Beyond abstinence and risk: a new paradigm for adolescent sexual health. **Womens Health Issues**, Massachusetts, v. 21, n. 13, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21530841/>. Acesso em: 6 jul. 2021.

STONER, M. C. *et al*. The relationship between school dropout and pregnancy among adolescent girls and young women in South Africa: a HPTN 068 analysis. **Health Education and Behavior**, v. 46, n. 4, p. 559-568, 2019.

VAZ, R. F.; MONTEIRO, D. L. M.; RODRIGUES, N. C. P. Trends of teenage pregnancy in Brazil, 2000-2011. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 62 n. 4, p. 330-335, 2016.

WODON, Q. *et al*. **Missed opportunities**: the high cost of not educating girls. Washington: The World Bank, July 2018. Disponível em: <http://documents.worldbank.org/curated/en/775261531234655903/Missed-Opportunities-The-High-Cost-of-Not-Educating-Girls>.

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

EDITORIAL

Chefe do Editorial
Reginaldo da Silva Domingos

Supervisão
Carlos Henrique Santos Vianna

Revisão
Bruna Oliveira Ranquine da Rocha
Carlos Eduardo Gonçalves de Melo
Elaine Oliveira Couto
Lis Silva Hall
Mariana Silva de Lima
Marlon Magno Abreu de Carvalho
Vivian Barros Volotão Santos
Débora Mello Lopes (estagiária)
Matheus Tojeiro da Silva (estagiário)
Rebeca Raimundo Cardoso dos Santos (estagiária)

Editoração
Aline Cristine Torres da Silva Martins
Mayana Mendes de Mattos
Mayara Barros da Mota (estagiária)

Capa
Aline Cristine Torres da Silva Martins

Projeto Gráfico
Aline Cristine Torres da Silva Martins

The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.

Livraria Ipea
SBS – Quadra 1 - Bloco J - Ed. BNDES, Térreo.
70076-900 – Brasília – DF
Fone: (61) 2026-5336
Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Logotipo/slogan de governo removido em observancia ao disposto no art. 40 da Lei n 9.504/1997

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.

ISSN 1415-4765

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DA ECONOMIA